

A MALDIÇÃO DO



Zé

Luiz Alberto Weber
Da equipe do Correio

Pode ser coincidência. Mas a visita de uma silhueta negra e sinistra aos umbrais do Palácio do Planalto, há pouco mais de 20 dias, marcou o início de uma fase cinzenta na vida pública do presidente Fernando Henrique Cardoso.

No dia 14 de novembro, *Zé do Caixão* — encarnação do cineasta José Mojica Marins (foto ao lado) — foi recebido para uma sessão com o presidente.

Bastou o encontro para que Fernando Henrique se enredasse em histórias obscuras.

Obra do acaso? Talvez. Mas dois dias depois da aparição do coveiro no Planalto, estourou o escândalo da escutas telefônica envolvendo o então chefe do Cerimonial da Presidência, embaixador Júlio César Gomes dos Santos.

Corvo — O episódio sugere tráfico de influência no meio de um projeto de R\$ 1,4 bilhão para a instalação do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam).

“Vamos evitar que o espírito de corvo volte a pousar sobre o país”, declinou Fernando Henrique tentando por um fim à história.

“Não adianta, o presidente pactuou com um reverenciador da morte e agora o mau agouro se abateu sobre o governo”, acredita a mãe-de-santo Joana Cruz Santos.

No último domingo, mais um escândalo assustou Brasília.

Surgiu uma *pasta cor-de-rosa* contendo nomes de políticos graúdos — inclusive ministros do governo — que teriam recebido doações indevidas do Banco Econômico para financiar suas campanhas eleitorais de 1990.

“É a maldição do corvo cor-de-rosa”, diverte-se com a policromática crise do governo o senador Roberto Requião (PMDB-PR).

Maquiavel — Até parece haver uma caveira enterrada sob o Planalto. E há quem pense que esteja viva.

“Só pode ser olho gordo do político mais magro do Brasil”, brinca o deputado Paulo Delgado (PT-MG), referindo-se ao vice-presidente, Marco Maciel.

Para Delgado, a má-fase tem nome: “Maldição de Washington”, infortúnio que atacaria aqueles que tentassem a reeleição — como o ex-presidente Washington Luiz.

Fernando Henrique resolveu enfrentar as críticas com frases do italiano Maquiavel.

“Quem faz reformas perde os antigos aliados sem ganhar novos imediatamente”, justificou.

O príncipe da sociologia, porém, parece ter esquecido da lição de Maquiavel de que o estadista também precisa de *fortuna* (estar no lugar certo, na hora certa) para bem governar.



André Brant

Soluções à moda tucana

Ana Cristina Vieira
Da equipe do Correio

Já voaram penas, algumas bicadas foram profundas, mas o presidente Fernando Henrique Cardoso — com seu jeitinho tucano de ser — consegue manter o ninho funcionando.

O tucano-rei da República conduz todas as crises da mesma forma. No início ele tenta abafar, despreza o tamanho delas, lembra de corvos e coisas do tipo e quando não dá mais para segurar, demite.

“Ele sempre tem feito a escolha certa, uma saída institucional”, explica o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause.

Pérsio Arida, então presidente do Banco Central, foi o primeiro a levantar voo, no início de junho.

Acusado de repassar informações privilegiadas sobre mudanças no câmbio ao amigo Fernão Bracher, dono do banco BBA, Arida saiu do governo por bem.

Queda — Depois de sofrer vários ataques, comparecer diversas vezes ao Congresso para se explicar, não aguentou e pediu demissão.

Os inúmeros depoimentos de Arida em comissões técnicas da Câmara e do Senado e a sua saída foram suficientes para livrar o governo de maiores constrangimentos.

José Milton Dallari, ex-secretário de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda, foi o segundo do ninho a ser abatido.

O *superxerife* dos preços virou manchete nos jornais graças às denúncias de que a empresa de consultoria Decisão, da qual é sócio, beneficiava clientes com informações privilegiadas.

O Planalto sabia da investigação que a Receita Federal estava fazendo sobre Dallari, mas mesmo assim foi preciso a pressão da imprensa e da opinião pública para alguma coisa acontecer.

Dallari até que tentou se segurar no cargo, mas depois de três semanas de bombardeios, não resistiu e pediu demissão.

Imagem — Mais uma vez, Fernando Henrique conseguia manter a imagem do seu governo, apesar de alguns arranhões.

De todos os escândalos governamentais, o caso Sivam foi o que provocou mais *mortos e feridos*.

Embora soubesse do grampo, desde o dia 9 de novembro, o presidente esperou até o dia 20 para tomar uma providência. Com a opinião pública toda sabendo das conversas do chefe do Cerimonial do Palácio do Planalto, Júlio César Gomes dos Santos, ficou difícil não fazer nada.

Júlio César foi o primeiro a ser demitido. Na sequência desabaram o ministro Mauro Gandra, da Aeronáutica, e Francisco Graziano, presidente do Inbra. Todos a pedido.

■ Leia mais sobre as crises nas páginas 4 e 5